

História e ficção nos trabalhos satíricos do escritor Lima Barreto: o humor como narrativa historiográfica

Patrícia Regina Cenci Queiroz¹ - PPG-UNESP/Assis

Introdução

A idéia deste trabalho é a de utilizar como fonte de apreensão dos principais dilemas da Primeira República, uma obra satírica do escritor Lima Barreto (1881-1922), através da interligação das produções de suas obras, sua trajetória biográfica e principais problemas e conflitos nas qual a intelectualidade do período se debruçou a pensar.

O escritor Lima Barreto é eleito em nosso trabalho como um personagem muito representativo do contexto social republicano e dos dilemas do período. Neto de ex-escravos, sua mãe e tios são adotados por uma importante figura política do Brasil Império, Manuel Feliciano Pereira de Carvalho, famoso médico, patriarca da cirurgia brasileira, Presidente da Academia Imperial de Medicina e conselheiro pessoal do Imperador.

Quando sua mãe se casa com seu pai João Henriques, um funcionário da Tipografia Nacional e do Jornal *A Tribuna Liberal*, Afonso Celso (Visconde de Ouro Preto), então Ministro do Império e diretor da Tribuna Liberal torna-se uma espécie de padrinho intelectual no custeio dos estudos do menino Lima Barreto². Barbosa (1958) diz que o menino foi um aluno brilhante, de mente sensível e tão logo acabou os exames do ginásio secundário ingressa na Escola Politécnica para cursar engenharia.³

Até aqui a trajetória de Lima Barreto caminha em comum como a de muitos mulatos apadrinhados que acabam ascendendo socialmente através de uma das três principais profissões do período – medicina, engenharia, direito – ou no ingresso do funcionalismo ou vida pública.

Contudo, a entrada de Lima Barreto na Escola Politécnica ocorre após a consolidação do regime republicano que, logo nos seus primeiros anos, empenhou-se em denegrir e ferir tudo o

¹ Socióloga, Mestranda em História da Cultura pela F.C.L. UNESP-Assis.

² Francisco de Assis Barbosa levanta em sua biografia feita sobre o escritor, vários recibos de mensalidades da escola de Lima Barreto, assim como materiais escolares, livros, vestuário, etc. pagos pelo Visconde de Ouro Preto, então ministro do Império. (Cf. Barbosa, 1975)

³ Barbosa sugere baseada em correspondências do escritor com o pai, que Lima Barreto só ingressou na Politécnica para satisfazer um desejo do pai de ver o filho “doutor”. (Cf. Barbosa, 1975)

que fosse alusivo ao antigo sistema Monárquico. Neste novo contexto, tanto a família Pereira de Carvalho, quanto o Visconde de Ouro Preto, suas principais fontes de capital social e econômico, já não possuíam prestígio suficiente para auxiliá-lo. Cada vez mais desiludido com seu curso, sofrendo graves injúrias por parte de um professor e cada vez mais carentes de recursos financeiros e sociais, quando seu pai enlouquece em 1903, Lima Barreto abandona a Politécnica e ingressa como Amanuense na Secretaria da Guerra para cuidar do pai doente e dos irmãos mais novos.

Este fato vai marcar toda sua trajetória intelectual e pessoal. A partir daqui Lima Barreto passa a freqüentar os principais recantos boêmios do Rio de Janeiro, se relacionando com seus integrantes e contribuindo em muitos jornais e revistas da época. Contudo, o alcoolismo acaba somando-se aos seus dramas pessoais, às perseguições que sua família sofria, aos seus ressentimentos de homem negro, pobre e suburbano, responsável pelo sustento de sua família e até a década de 1920, é internado duas vezes em hospitais psiquiátricos.

Um outro fato importante dentro de sua trajetória pessoal é que é desta época (1903) o projeto de Lima Barreto de fazer uma História da Escravidão Negra no Brasil: (...) *no futuro escreverei a história da escravidão negra no Brasil e sua influencia na nossa nacionalidade*. (BARRETO: 1956, pp. 78) abandonando após sua primeira internação. Dois anos depois relata em seu diário:

(...) registro aqui uma idéia que me esta perseguindo. Pretendo fazer um romance em que descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de "germinal" negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopéia. Como exija pesquisa variada de impressões e eu queira que este livro seja, se eu puder ter uma, a minha obra prima, adia-lo-ei para mais tarde. Ah! Se alcanço realizar essa idéia, que glória também! Enorme, extraordinária e – quem sabe – uma fama européia . (LIMA BARRETO: 1956, pp. 94)

Através da reconstituição da trajetória pessoal e intelectual de Lima Barreto, assim como suas frustrações, tensões e desejos registrados cuidadosamente em seus diários, percebemos no escritor uma semelhança com a maior parte da intelectualidade do período que se debruçava para pensar o que era o nacional, quem era o povo brasileiro, sua cultura, seus costumes e principalmente a recorrência do tema da modernização do país.

Contudo, acompanhado todo o percurso trilhado por Lima Barreto em sua carreira como escritor – as dificuldades de sobrevivência financeira de um homem de letras num período que o jornalismo profissional e o meio editorial estavam em formação; os embates para conseguir

um editor e os conflitos para posteriormente ter a obra publicada acolhida pela crítica literária – acrescidos de todo o seu empenho em conseguir legitimar-se nas instituições da época: o ingresso na Escola Politécnica, o projeto de um ousado Tratado sobre a Escravidão Negra no Brasil, as duas tentativas de reconhecimento pela Academia Brasileira de Letras, etc., acabam sendo um significativo e ilustrativo exemplo da maneira como se construía e processava a maior parte das carreiras literárias na Primeira República.

Tentando articular nossa discussão dentro desta conflitualidade, elegemos como fonte de pesquisa um dos primeiros trabalhos satíricos por excelência, no jornalismo profissional do escritor – *Os Bruzundangas* (1917-1919) – utilizando-a como forma e fonte específicas de conhecimento do social e, principalmente, que foram produzidas durante o período aonde definitivamente Lima Barreto abandona o projeto de um trabalho científico ou a construção de “grandes” romances a moda do realismo literário até o momento em voga, e começa a produzir trabalhos satíricos.

Articulando sua trajetória biográfica com o campo intelectual em formação do início do século XX, percebemos que a opção literária advém de uma, das inúmeras tentativas travadas pelo escritor, de conseguir fazer-se ouvir pela intelectualidade do período. A obra que discutiremos nesta comunicação é considerada de maturidade, escrita no período em que Lima Barreto já era colaborador de importantes revistas cariocas e que já havia conseguido alguma projeção intelectual.

Todos os três principais romances escritos por Lima Barreto – *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, *Memórias de M. J. Gonzaga de Sá* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma* – foram escritos até 1911. A primeira obra publicada do escritor foi o *Isaias* em 1905 e que teve péssima repercussão junto à crítica da época. Irá ser a partir de 1910 que o romancista irá passar a produzir literatura de folhetins e novelas picarescas, como o *Drº Bogóloff* (1910), *Numa e Ninfa* (03/06/1911), *O Chamisco e Entra, Senhórr...* (1912), *A Nova Califórnia* (11/1910) e *O homem que sabia javanês* (04/1911).

Este estilo de literatura folhetinesca distanciava-se demasiadamente do ideal de arte literária inúmeras vezes citada e lembrada pelo escritor, sempre se reportando a Taine, para

dizer que o papel da literatura era traduzir o que os simples fatos não dizem. Fugia completamente dos referenciais estéticos que buscavam inspiração em Balzac, no Eça de Queiroz e nos russos, há sempre os russos, principalmente Dostoievski. Mas, tudo leva a crer que no contexto da imprensa do período, a grande sensação eram os escritos humorísticos⁴, escritos estes que acabariam por consagrar o escritor.

Se estes detalhes biográficos já são interessantes para compor um quadro significativo das tensões e conflitos que envolviam a intelectualidade do período e da imprensa profissional em formação, os temas escolhidos pelo escritor em *Os Bruzundangas* (1917 -1919) são ainda mais.

O tema central deste trabalho de Lima Barreto é a urgência necessária à modernização do país. Através da construção de personagens satíricos que representam a situação de atraso e precariedade das instituições, da política, da população e das letras republicanas, Lima Barreto vai pintando um satírico painel dos primeiros anos republicanos.

Em *Os Bruzundangas*, sobressaem-se o humor crítico e a denúncia refinada das mazelas nacionais, construídos de uma perspectiva bem humorada sem, contudo, distanciar-se dos problemas sociais que o escritor estava tão preocupado em descrever. Escritas alguns anos antes de sua morte em 1922, o resultado é uma obra picante, produzida por um Lima Barreto mais maduro e consciente, que possuía algum reconhecimento literário e intelectual e que já não possuía os mesmos conflitos e dúvidas da mocidade, época em que escreveu suas obras mais conhecidas, como: *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, *Memórias de M.J. Gonzaga de Sá* e o clássico *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Sabemos que a obra de Lima Barreto não possibilita a fiel construção de uma fotografia do Rio de Janeiro do começo do século XX, com todas as suas nuances de cor, de problemas, conflitos e perspectivas. Porém, acreditamos ser capaz de reconstituir através de sua obra e biografia, assim como a inserção no campo intelectual do período, um quadro significativo, uma espécie de mosaico brasileiro, cujo traço mais forte é o choque entre o velho e o novo nas instituições republicanas e suas conseqüências na vida cotidiana dos diversos atores históricos.

⁴ Cf. SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**: representações cômicas sobre o dilema brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

A República dos Estados Unidos da Bruzundanga.

A maior parte dos trabalhos do escritor Lima Barreto que foram publicados em vida, foi financiada pelo próprio romancista⁵. Num momento de formação do jornalismo e da imprensa profissional, Lima Barreto (assim como muitos outros jovens aspirantes a escritor), combatiam e lutavam por um lugar ao sol no mundo das letras brasileiro. *Os Bruzundangas* foi um dos primeiros trabalhos exclusivamente satíricos, feitos pelo romancista para imprensa periódica⁶ do período, quando Lima Barreto já era colaborador de algumas importantes revistas cariocas, atuando junto ao jornalismo profissional.

De início, o conjunto de sátiras que compõem a obra, fora publicado entre os anos de 1917-1919, no *Semanário A.B.C.* Em 1920, Lima Barreto organiza e vende os direitos autorais da coletânea para o editor Jacinto Ribeiro – porém só sai publicado em 1922, após a morte do escritor.

O desenvolvimento do enredo da coletânea de sátiras que compõem *Os Bruzundangas* ocorre por intermédio de um narrador que passou boa parte da infância e mocidade na Bruzundanga e, ao retornar, se corresponde com um amigo que a desconhece e solicita esclarecimentos sobre a história, a riqueza e as instituições deste país imaginário.

A República dos Estados Unidos da Bruzundanga é um país fictício, desenhado pelo escritor como um país habitado e governado por gente medíocre e incapaz, corrupta e autoritária, com pouco apreço pela construção do país ou valorização das coisas na Nação. As únicas coisas importantes para a população bruzundanguense são conseguir se dar bem na vida e alcançar notoriedade social. As duas formas mais habituais de alcançar estes objetivos, é segundo o narrador da obra, entrar para uma das duas nobrezas do país: a nobreza doutoral e a nobreza de palpite.

A nobreza doutoral é formada por cidadãos formados nas Escolas superiores de Engenharia, Medicina e Direito que, por intermédio do diploma e do anel de grau atuam, tal como no mandarinato chinês, numa aristocracia bacharelesca, aonde o diploma funciona como

⁵ Com exceção de *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, publicado pela editora de A. M. Teixeira de Lisboa – Lima Barreto abriu mão dos direitos autorais para conseguir publicar a obra – e *Memórias de M.J. Gonzaga de Sá*, que foi financiado pelo então editor da Revista do Brasil, Monteiro Lobato.

⁶ Antes de atuar junto ao jornalismo profissional, Lima Barreto foi colaborador em periódicos estudantis e na imprensa anarquista.

um passaporte para o arranjo de uma boa colocação no Estado e acumulação de cargos públicos vitaliciamente:

Há médicos que são ao mesmo tempo clínicos do hospital dos indigentes e inspetores dos telégrafos. Há na Bruzundanga engenheiros que são a um só tempo professores de grego no ginásio secundário do Estado, professores de Oboé no conservatório de música e peritos louvados e vitalícios dos escombros de incêndios. (LIMA BARRETO: 1956, pp. 58)

A forte crítica a esta cultura bacharelesca travada pelo escritor nas crônicas evidencia um dos momentos em que a intelectualidade republicana conseguiu forjar a idéia de moderno no país. Um dos mais fortes apelos da campanha republicana – feito pelos intelectuais da geração de 1870 – era em relação à necessidade de se modernizar o país em setores vitais da sociedade. Assim, eles combateram duramente o tripé coroa-igreja-escravidão e idealizaram o novo regime com aspectos modernizantes: democracia, estado laico, meritocrácia, trabalho-livre, urbanização, industrialização, etc⁷.

Contudo, a transformação política não foi capaz de promover as reformas necessárias à modernização do país e, as construções paródicas e satíricas de Lima Barreto sobre a cultura bacharelesca, evidenciam como alguns resquícios da velha ordem política mascararam-se, nas primeiras décadas do século XX, com ares de novidade e de modernidade.

Através de um pseudo-domínio do saber científico, legitimado pelo anel de grau no dedo e o diploma de bacharel na parede, nossos intelectuais conseguiram transformar em modernas, práticas sociais que eles mesmos combatiam como antigas e arcaicas, forjando como moderna e justa uma aristocracia que sempre existiu na história do Brasil. Para Lima Barreto, a Bruzundanga conseguiu arrumar novos nomes e postos para a velha prática do compadrio e do patriarcalismo.

Mas o que mais parece chocar o narrador do livro não é a legitimação das elites em torno da cultura bacharelesca. Mas sim, como ela atinge os setores mais baixos da sociedade:

A nobreza de doutores se baseia em alguma coisa. No conceito popular, ela é firmada na vaga superstição de que seus representantes sabem. No conceito das moças casadeiras é que os doutores têm o direito pelas leis divinas e humanas, a ocupar os lugares mais rendosos do Estado; no pensar dos pais de família ele se escuda no direito que têm os seus filhos graduados nas faculdades de trabalhar pouco e ganhar muito. (LIMA BARRETO: 1956, pp.61)

Como combater e denunciar o bacharelismo em um sistema que ele é legitimado nas mais diversas instâncias da sociedade? Como criticar esta antiga prática social quando todos

⁷ Cf. NEEDEL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

acreditam que ela é justa, correta e democrática, que o diploma realmente é um fator legítimo de diferenciação social?

A outra nobreza do país – a nobreza de palpite – é para o narrador do livro ainda pior do que a nobreza doutoral. A nobreza de palpite não é firmada em coisa alguma, nem em lei, nem em costume nem ao menos é documentada. Fazem parte desta nobreza representantes da população que, metendo-se em especulações felizes, enriquecem e se submetem às piores coisas para adquirir condecorações e comendas, títulos de nobreza sem validade alguma ou trocar seus sobrenomes por outros estrangeiros e de sangue “azul”.

O mais interessante nesta nobreza que Lima Barreto humoradamente chama de palpite é que o escritor afirma que este tipo de ascensão buscado por intermédio de títulos nobiliárquicos só apareceu depois que a Bruzundanga virou República⁸. Segundo ele, esta nobreza firmada por invenção aristocrática que buscava obter o mesmo status social que possuíam os antigos nobres, é típica dos burocratas. Para o escritor mais absurdo do que a invenção dos títulos, é que estes tenham como modelo a nobreza hereditária européia, pois esta possuiria uma razão histórica de existir, diferentemente da ficção da nobreza da Bruzundanga que, como ele inúmeras vezes salienta, é firmada no **palpite**.

Essa recrudescência de títulos nobiliárquicos apareceu desde que a Bruzundanga se fez República, e desconheceu os títulos de nobreza porque o país havia sido governado pelo regime monárquico, com uma nobreza modesta não hereditária, que mais parecia o tchin russo, isto é, uma nobreza de burocratas do que uma nobreza feudal. (BARRETO: 1956, p. 63/64)

Sevcenko (1995) diz que com o conluio que envolveu militares radicais, cafeicultores paulistas e políticos republicanos, finalmente se instaurou a República e, junto com ela, a entrada do Brasil na “modernidade” pelas novas elites que buscavam uma industrialização imediata por meio da abertura da economia aos capitais ingleses e americanos.

Esta nova lógica econômica republicana se baseava em arruinar os capitalistas mais proeminentes da praça – a antiga elite econômica imperial – para subir ao palco uma nova camada de arrivistas, enriquecidos na negociata e no jogo político dos primeiros anos da República:

⁸ No Brasil, após a mudança de regime político (1889), verifica-se todo um empenho por parte dos republicanos em destruir tudo o que era relacionado ao regime monárquico, na tentativa de legitimar perante a população o novo regime implantado (Sobre este assunto consultar CARVALHO, 1990). Uma vez que existia empenho por parte dos próprios republicanos em destruir este tipo de status – associando a monarquia à imagem do atraso e a república como personificação do progresso – para Lima Barreto cairia no vazio qualquer alusão a títulos de nobreza.

A ascensão deste ‘homens novos’, como eram chamados esses grupos arrivistas, coincidiu ademais com a Abolição da Escravatura (1888) e a desmobilização de enormes contingentes de escravos do Sudeste, em paralelo com a vultuosa imigração estrangeira, alterando os quadros hierárquicos e de valores da sociedade, na medida mesma em que se consolidavam às práticas do trabalho assalariado e da constituição de um mercado interno mais dinâmico. (SEVCENKO: 1999, p.16)⁹

O novo regime instaurado era alicerçado na idéia do progresso pelo fim das instituições imperiais, o que incluiria o fim da “nobreza” de linhagem imperial que era inconciliável com a nova ordem baseada em princípios “democráticos” e “meritocráticos”.

O que podemos perceber é que estes novos ricos situados dentro de um sistema que, pelo menos em tese, todos eram iguais perante a Constituição, todos os homens eram livres, tinham direito à propriedade, etc. e, principalmente, em uma sociedade aonde eram inúmeros os casos de mulatos que ascenderam socialmente – principalmente pelas letras, pelo funcionalismo público e pelo “apadrinhamento” – estes “novos ricos” precisavam assimilar marcas que o diferenciassem da maioria da população¹⁰.

No caso, o que Lima Barreto nos mostra é a compra de títulos nobiliárquicos como passaporte para uma ascensão social nos rols mais *chics* da sociedade carioca ainda que a construção desta “nobreza de palpite” fosse de encontro com todo o ideário republicano.

Dos dois tipos de nobreza que existem na Bruzundanga, e que buscamos interpretar dentro do pensamento crítico de Lima Barreto como a principal causadora do atraso e da miséria nacional, dois pontos precisam ser levantados.

A primeira, a doutoral, tem forte aceitação popular - o que é digno de inúmeras críticas do escritor, a segunda, é completamente estranha à maioria da população que parece não ver sentido algum em tal recrudescência de títulos. Porém, existe um elemento que é comum a ambas: de maneiras distintas, os dois tipos de nobreza que contribuem para o atraso social da Bruzundanga, foram inventadas e forjadas como modernas para legitimar práticas sociais antigas.

As duas nobrezas do país criaram possibilidades tanto nas leis (no caso da nobreza doutoral), quanto nos costumes (nobreza de palpite e doutoral) de ascensão e distinção social,

⁹ SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio Republicano, astúcias de ordem e ilusões do progresso. In: **História da Vida Privada no Brasil** – Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

¹⁰ Cf. ELIAS, Norbert. **O processo Civilizador**. Volume I: uma história dos costumes. (Tradução) Ruy Jungmann; revisão e apresentação Renato Janine Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

mascaradas de modernas e civilizadas, sem, contudo perder o seu conteúdo arcaico, nivelador e excludente.

E é aqui que mais uma vez percebemos a importância da leitura social do trabalho ficcional do escritor. Para Lima Barreto, estes são problemas arraigados tanto nas tradições e nos costumes da população, quanto nas práticas e ações das elites e do Estado. Fica muito claro na leitura da obra que os problemas do mito dos bacharéis e da nobreza de palpite não tem origem somente econômica e política. Eles residem nos costumes e na tradição da população, e existem inúmeras instituições que perpetuam esses costumes. O grande mérito deste trabalho de Lima Barreto parece ser o de representar satiricamente como o novo regime conseguiu construir e legitimar formas e ações denominadas modernas, sob uma herança patriarcal, excludente e autoritária.

Utilizar um trabalho ficcional como fonte de apreensão da realidade social sempre tem seus riscos e limites, mas, em se tratando da produção de Lima Barreto especificamente, fazer uma leitura social de sua literatura, significa dar voz a maior parte dos conflitos que envolveram a intelectualidade da Primeira República, tanto nos aspectos do meio editorial, da formação do jornalismo profissional, da ascensão das revistas mundanas de humor e sátira, quanto nos aspectos de interpretação do processo modernizador que estava sendo instaurado no país.